

22-04-2020

## À GUIA DA LOUCURA: DO CORONA AO CORINGA

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.  
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

Do nada, no estalo e de repente, quase todos habitantes dessa nave des governada, chamada Terra, são especialistas em COVID-19. As explicações são vendidas, emprestadas, copiadas, coladas e reproduzidas numa progressão de dar inveja ao próprio Corona. Alguns abrem a bíblia, outros, o WhatsApp e muitos, os dois juntos.

O Corona tem signos de Pandemia e de praga divina. Nesse leilão de ideias, os intelectuais, profetas, economistas, tias e avós têm sérias contribuições para o seu combate.

As repetitivas mensagens de “Bom dia Feliz” perdem espaço para os áudios, que vão do riso esdrúxulo ao pânico generalizado. Nesse momento, com indulto presidencial, faço uso da minha licença poético-científica, ou seja, invento uma versão sem nenhuma comprovação factual, mas esbravejo que a minha teoria está certa.

Se alguém me questionar, rotulo-o de comunista, planetarista, globalista ou alarmista.

Ao longo de dias, em profunda reflexão ética, trago à baila minha tese: essa Pandemia é consequência de um ataque histórico, movido pela pior inveja do sucesso alheio.

Tenho com meus botões, que Batman, num ato de puro ciúme pelo sucesso do filme Coringa, resolveu fazer vingança contra o mundo.

Imagine, O Coringa, com Joaquin Phoenix, ganha o Oscar, é o filme mais assistido de todos os tempos e espanca todo mundo em bilheteria. De forma maquiavélica, o cavaleiro de Gotham City ordena que os seus discípulos, os morcegos, deem umas mordidinhas nos [pangolins chineses](#).

Com toda obviedade, todo crime tem que fílar o foco dos reais suspeitos. Todos sabem que o Cavaleiro das Trevas é um sujeito um tanto narcísico. Alguns vizinhos da mansão Wayne já reclamaram dos escândalos do jovem Bruce.

Um herói noturno, que possui um ajudante e um mordomo - traços marcantes de uma boa vida.

Outros super-heróis, como Super-Homem e Homem-Aranha, possuem um cotidiano modesto de classe média, dormem em quartos apertados e são tímidos com o sexo feminino. A vida dupla do Batman não atrapalha sua rotina de festas e glamour, ele não é um herói milionário, mas um herói de milionários. Com toda a tecnologia (carros e armaduras) a seu dispor, ele dispensa superpoderes.

Algumas evidências confirmam minha tese: o Coringa, em *Batman: o cavaleiro das trevas* (2008), roubou a calma do protagonista. Numa personificação memorável, [Heath Ledger](#) toma os holofotes para a loucura e coloca no saco o Oscar de melhor ator coadjuvante.

Meses depois, o ator morre de forma misteriosa.

Tenho uma convicção filosófica olaviana-bolsonarista de que o Batman mandou dar um fim real no Coringa.

O herói, acuado, perdeu a compostura e a máscara de bom mocismo caiu. No entanto, uma leva de filmes com vilões e heróis doidões são produzidos, a loucura deixa suas pegadas no *hall* da fama. A plateia ama bagunça e quer ver o caos: a violência nos leva ao gozo social.

Eis que em 2019 é lançado um filme só do Coringa; um vilão, livre no mundo, sem herói. Um drama lento e, em boa parte, filmado em primeiro plano (rosto), o cenário central é um pequeno apartamento. Os diálogos retraídos com a mãe doente, as impressões de um possível romance e as constantes humilhações dão ares de humanidade ao psicopata. Uma magreza mal tampada por um hobby de cetim e as lentas cenas na frente do espelho são angustiantes. A maquiagem do riso sobrepõe o choro da epiderme, uma cicatriz na boca e a invasão da solidão nos deixam, os espectadores, bem mais próximos do mundo do vilão do que do herói. O desequilíbrio das emoções são traços mais cativos, para nós, do que um sentimento altruísta salvador. Os olhos marejados, nas salas de cinema, deram o perdão ao vilão. O cenário social cinematográfico é uma distopia urbana do caos e da pressão da riqueza.

A desordem pulsante é um elemento imprescindível para incomodar os genocidas do capital. O caos do corpo, fez o genial Mikhail Bakhtin, na obra *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*, dizer que “as máscaras, no carnaval medieval, existiam para esconder publicamente as máscaras sociais”.

Contudo, nesse caos sem a esperança da revolução, o *demaquilante* do lucro expõe as reais faces dos falsos heróis, dos sórdidos empresários e de mitos presidentes.

Eles vão de cara limpa e cobram que trabalhadores voltem aos seus postos de engrenagem. Vivemos não o carnaval do corpo, mas o açougue da carne. Talvez essa seja a aposta do Batman: colocar o mundo para viver como seu arquirrival. Nesse verbete de sucesso, o filme tornou-se uma fiel representação das nossas fraquezas, angústias e de todas as psicopatias que moram ao nosso lado.

Numa atualização de Sartre, direi que “o inferno são os outros quando olhamos para o espelho”. O Coringa foi esse sucesso todo por não ser necessariamente fiel ao vilão destemido, mas ao humano amedrontado.

Em dias de Pandemia, vivemos a angústia do Corona e do Coringa. Ilhados em nossas pequenas casas, as roupas cada vez menos necessárias e o absurdo nos fazem chorar em posição fetal: queremos abrigo. Cada vez mais passionais, descentramos o moralismo e somos tomados pelo vil tesão de viver. Nossa resistência é uma dança solitária (aglomerações estão proibidas) desengonçada sobre as escadarias da meritocracia do dinheiro.

Por favor, fique em casa. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.